

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Larissa Scheffer da Rocha Augusto

**FRODO, SAM E GOLLUM: O SENTIDO DA AMIZADE E DA TRAIÇÃO NO TRAJETO
COMPARTILHADO PELAS MONTANHAS DE MORDOR, NA OBRA “O SENHOR DOS ANÉIS”.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em
Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de
Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Humberto Fois Braga

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Larissa Scheffer da Rocha Augusto**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202073019A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **FRODO, SAM E GOLLUM: O SENTIDO DA AMIZADE E DA TRAIÇÃO NO TRAJETO COMPARTILHADO PELAS MONTANHAS DE MORDOR, NA OBRA “O SENHOR DOS ANÉIS”**, desenvolvido durante o período de 28 de agosto de 2023 a 08 de dezembro de 2023 sob a orientação de Humberto Fois Braga, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 08 de dezembro de 2023.

LARISSA SCHEFFER DA ROCHA AUGUSTO

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

FRODO, SAM E GOLLUM: O SENTIDO DA AMIZADE E DA TRAIÇÃO NO TRAJETO COMPARTILHADO PELAS MONTANHAS DE MORDOR, NA OBRA “O SENHOR DOS ANÉIS”.

Larissa Scheffer da Rocha Augusto¹

RESUMO

A trilogia “O Senhor dos Anéis”, é uma obra rica em conceitos que perpassam a Hospitalidade, como viagem, mobilidade, acolhimento e trocas sociais. Mas diante da vastidão dessa obra, foram selecionados alguns recortes, a fim de analisá-los sob o olhar da Hostipitalidade, além de fazer uma análise sobre a relação de amizade entre dois personagens que sofrem com a pior face da hostilidade em uma relação: a traição. Para isso, alguns conceitos teóricos sobre hospitalidade e hostipitalidade, vistos também sob uma ótica cristã, são discutidos a fim de expor uma contraposição com algumas ideias extraídas dos recortes escolhidos para análise. E a fim de demonstrar as contraposições foram selecionados trechos de dois volumes pertencentes à trilogia, que são eles: **As Duas Torres (2001)** e o **Retorno do Rei (2001)**. As discussões sobre Hospitalidade/Hostipitalidade, Trocas Sociais, Traição e Amizade, tiveram como suporte, respectivamente, as considerações de Jacques Derrida, Marcel Mauss, Dante Alighieri e Aristóteles. Sendo assim, pôde-se perceber, a partir de todo o suporte teórico e das citações expostas, que existe um forte laço de amizade entre Sam e Frodo, nutrido por um carácter vocacional e missionário, por parte do Sam que se compromete com o sucesso da jornada de seu amigo, mesmo sendo provado por Gollum, o guia traidor, responsável pela perversão dos símbolos da hospitalidade. Portanto, a partir da tríade Sam, Frodo e Gollum, fica notório a presença da dança da hostipitalidade, com sua face hospitaleira e hostil, expressa sobre constantes dualidades, e que revelam também o carácter moral presente na obra.

PALAVRAS-CHAVE: Hospitalidade. Hostipitalidade. Traição. Amizade. O Senhor dos Anéis.

1 INTRODUÇÃO

Em 1954, John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973) entregava à sociedade literária da alta fantasia, o seu magnífico mundo secundário, O Senhor dos Anéis, que formatado através de uma trilogia, conseguiu consagrá-lo como o pai da literatura fantástica moderna e popularizar o gênero por todo o mundo. Os seus três volumes, “A Sociedade do Anel”, “As Duas Torres” e “O Retorno do Rei”, narram a jornada de dois Hobbits, Frodo Bolseiro e Samwise Gamgee, e seus amigos, que saem do Condado rumo à Montanha da Perdição, com a missão de destruir o Um Anel, objeto de poder criado por Sauron, o Senhor das Trevas, para que a Terra Média não fosse contaminada pelo mal supremo contido no Um Anel.

Dessa forma, O Senhor dos Anéis constitui-se como uma saga viva que expressa o movimento em grande parte da obra, bem como as trocas de relações, trazendo à tona conceitos e ideias pertinentes a serem investigadas sob o olhar da Hospitalidade, e foi a partir desta lente que este trabalho foi produzido. Mas, diante da vastidão e grandiosidade da obra em análise, se fez necessário selecionar uma parte para investigação. As análises feitas perpassam pelo capítulo “A Toca de Laracna” do segundo volume, denominado “As Duas Torres”, e pelos capítulos “A Torre de Cirith Ungol” e “A Montanha da Perdição” contidos no terceiro e último volume cujo nome é “O Retorno do Rei”.

Dito isso, o objetivo desta pesquisa, é analisar a perversão dos símbolos e rituais de Hospitalidade, a partir da análise da cena “A Toca de Laracna”, com foco na relação entre Frodo, Sam e Gollum e, para isso, discutir alguns pontos da visão cristã sobre Hospitalidade, identificando, assim, certos contrapontos. Ademais, é, também, uma finalidade deste trabalho analisar a amizade entre Sam e Frodo, destacando o sentido vocacional, idealista e educativo desta relação, que mostra a importância de se ter um amigo por perto. Dessa forma, o presente estudo, além da introdução e conclusão, é composto por três capítulos de desenvolvimento. No primeiro capítulo, será feita uma discussão teórica acerca dos símbolos e dos rituais da hospitalidade, além de trazer uma abordagem cristã sobre o tema. Já no segundo, a exposição do conceito de hostipitalidade estará em foco através do conceito de traição, identificado a partir da análise da cena “A Toca da Laracna”, tendo Gollum, o guia traiçoeiro, como o protagonista do capítulo. Finalmente, no terceiro, será discutida a amizade entre Sam e Frodo como forma de se salvar do mal, e as motivações dessa amizade.

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Humberto Fois Braga.

Os temas investigados foram guiados pelo processo metodológico de revisão bibliográfica pautada pela revisão narrativa, que consiste na busca por possíveis respostas sobre os temas em questão, a partir de informações coletadas em livros e artigos acadêmicos, que podem estar sujeitas a subjetividade da interpretação da autora. Além disso, foi utilizado o método de crítica literária, atrelando os estudos e discussões à interpretação da narrativa escolhida, a obra *O Senhor dos Anéis*.

Diante disso, é importante ressaltar que *Senhor dos Anéis* é uma obra de oportunidades, e tem sempre algo mais para oferecer ao leitor atento, que percebe que pode se valer dela como uma ferramenta para o mundo primário, ou mundo real, já que sempre há algo no homem que ele gostaria de se livrar ou de destruir para conseguir se aproximar da ideia do bem. Dessa forma, a trilogia não serve apenas para o entretenimento, mas também para uma boa formação do caráter de seus leitores. Nesse sentido, todo trabalho de investigação acadêmica sobre a vasta obra de Tolkien, é de grande valor e importância, pois explora sempre um pouco mais do que possa estar escondido nas entrelinhas desse mundo secundário tão bem construído por esse grande nome da literatura.

2 SIMBOLOGIAS E RITUAIS DE HOSPITALIDADE: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA

O significado da palavra Hospitalidade, quando pesquisado superficialmente, fala de uma ação de bem acolher o estrangeiro, o hóspede. Mas, Benveniste (1975), ao analisar a origem etimológica da palavra e seus fragmentos bases originários do latim, estabelece uma gama de conexões ao mencionar o termo *hospes* que representa *host-pet-s*, cujo significado é “o senhor do hóspede”, traduzindo, também, o que seria a ideia do anfitrião.

Este significado configura a hospitalidade uma relação de poder e domínio, em que o anfitrião é o polo ativo, sendo aquele que manda e que oferece, e o hóspede é o pólo passivo, aquele que obedece e que recebe. Nessa relação, o anfitrião tem o poder de autorizar ou não a entrada do hóspede, por ser o dono do território, o senhor do local. E ao entrar no território do anfitrião, com a sua permissão, o hóspede está sujeito às suas regras e ordenanças, pois é ele que vai ter que se adequar ao ambiente e à rotina do anfitrião, respeitando suas regras e suas leis, por exemplo, é ele que vai decidir o local e a hora que o hóspede irá dormir e o que irá servir de alimento. É como as asas de um pássaro que envolve seus filhotes no aconchego de suas plumas em um ato de acolhimento, mas que também pode ferir com suas penas pontiagudas ao apertá-los em demasia, demarcando os limites dessa relação.

Entretanto, ainda é possível implementar a essa relação de anfitrião e hóspede uma outra visão, tendo como referência o termo francês *Hôte*, cujo significado é hóspede e anfitrião, concomitantemente. Este duplo sentido expressa um esforço mútuo em que não só o hóspede se adequa ao anfitrião. Há uma troca de papéis dinâmica entre quem manda e quem obedece, pois para que o anfitrião dê a acolhida ele tem que abrir mão de sua liberdade plena, pois o hóspede o impede de fazer o que ele faria se estivesse sozinho. Sendo assim, o termo francês *Ôtage*, cujo significado é refém, traz mais uma inferência semântica que indica, paradoxalmente, o limiar e o entrelaçar da relação entre quem é o anfitrião e quem é o hóspede, em que o senhor se torna refém e o refém se torna senhor, bem como expressa o filósofo Jacques Derrida:

É como se o senhor estivesse, enquanto senhor, prisioneiro de seu lugar e de seu poder, de sua ipseidade, de sua subjetividade (sua subjetividade é refém). É mesmo o senhor, o convidador, o hospedeiro convidador que se torna refém – que sempre o terá sido, na verdade. E o hóspede, o refém convidado (guest), torna-se convidador do convidador, o senhor do hospedeiro (host). O hospedeiro torna-se hóspede do hóspede. O hóspede (guest) torna-se hospedeiro (host) do hospedeiro (host) (DERRIDA, 2003, p. 109).

Ademais, é necessário compreender que ao falar de Hospitalidade, está subentendido o conceito de mobilidade, já que nesse cenário tem-se o anfitrião estático esperando o hóspede que está em movimento. Nesse contexto, é importante ressaltar que o anfitrião só pode ser denominado como tal após a chegada do hóspede, que como está em movimento e deseja ser o hóspede, já sabe que um processo de hospitalidade irá se iniciar, antes do anfitrião. Desse modo, quando a Hospitalidade começa, ela se apresenta através de rituais, ou seja, uma sequência programada com início, meio e fim, sendo alguns mais rígidos e outros mais flexíveis. Em a *Odisséia*, de Homero, é visto que Ulisses vai recebendo acolhidas em vários momentos em

sua viagem de volta para Ítaca, e nessas acolhidas os rituais se expressam, como diz o autor francês Alain Montandon:

A hospitalidade é uma maneira de se viver em conjunto, regida por regras ritos e leis. Homero havia estabelecido regras fixas da hospitalidade e o seu desenvolvimento, desde o instante em que um visitante chega à casa do anfitrião até o momento de sua partida. Tal cena se decompunha em uma série de microcenas, incluindo, entre outras: a chegada, a recepção, o ato de se acomodar, festejar, dizer seu nome e sua pátria, se deitar, se banhar, a entrega dos presentes, as despedidas. (MONTANDON, 2003, p.132.)

Nesse sentido, posto que a hospitalidade pressupõe movimento e que se expressa através de rituais, é importante analisar alguns aspectos da simbologia cristã que a perpassa em nossa sociedade ocidental, já que Jesus, reconhecido como filho de Deus pela Igreja Católica, e que para muitos é o ponto mais relevante de referência moral, trazia em seus ensinamentos a importância do ato do bem acolher, pautando a hospitalidade como um mandamento cristão e como uma condição de salvação do homem. Pode-se perceber a hospitalidade como condição salvística na passagem bíblica que narra a exposição de Cristo sobre o juízo final:

E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. "Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: 'Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que foi preparado para vocês desde a criação do mundo. Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram'. "Então os justos lhe responderão: 'Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber'? Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos? Quando te vimos enfermo ou preso e fomos te visitar?' "O Rei responderá: 'Digo a verdade: O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram' (Mt 25, 33-40).

Diante dessa passagem bíblica, é notório o valor de grandeza que a hospitalidade tem para os cristãos, já que o próximo, ou seja, o hóspede, serve como ponte entre o anfitrião e Deus², configurando o ato de acolher como uma dádiva, um instrumento para a salvação eterna, pois o próprio Cristo foi viajante e precisou, em vários momentos da caminhada, de acolhida. Partindo dessa ideia, é interessante notar que a palavra dádiva também foi usada por Marcel Mauss como uma forma de designar as relações sociais não comerciais, em que a retribuição não é combinada previamente. Essa forma de se relacionar é configurada dádiva, pois quem dá, está na verdade, dando algo de si como um ato de sacrifício, e esse ato não impõe o que deverá ser retribuído, mesmo que em toda relação social deva haver retribuição. Então, a ação pautada pela dádiva, seria uma tentativa, com um caráter mais puro, de se receber algo em troca, pois se dá de coração, mesmo sabendo que não poderá escolher o que lhe vai ser retribuído. Dessa forma, a citação bíblica que diz que "é dando que se recebe" é uma tentativa de educar a ação do homem para sempre buscar oferecer algo, caso queira receber alguma retribuição divina. E é exatamente assim que a hospitalidade se expressa quando acolhe, alimenta e protege. E analisando a primeira etapa de um ritual de hospitalidade, que é denominado anunciação, representando o momento em que o hóspede bate na porta do anfitrião, ele tem a escolha de abrir ou não, ou seja, de retribuir ou não ao chamado. Dessa forma, sob a ótica cristã de que a hospitalidade é uma virtude, uma sociedade que não retribui é uma sociedade fragmentada, pois o dar, receber e retribuir é uma corrente que une as pessoas se configurando como uma grande rede. E se Deus é a unidade, e os homens cristãos caminham para voltar a ser Um com o Criador, o ato de não retribuir, ou seja, de não acolher

² Um tema recorrente nas mitologias de diversos povos é o fato de que Deuses, anjos e outras divindades vêm a Terra e se apresentam como seres humanos, disfarçando sua santidade para testar a hospitalidade dos humanos. E assim como foi Jesus para o cristianismo, Krishna também se manifestou na Terra a fim de passar ensinamentos e testar a bondade dos homens hindus.

quando o outro bate à sua porta, faz do homem cada vez mais fragmentado e cada vez mais distante de Deus.

Ademais, assim como o hóspede caminha até chegar ao anfitrião, há no meio religioso o ato da peregrinação, que configura o momento em que o viajante ainda não recebeu a acolhida. Mas, para os cristãos, a peregrinação não é apenas o ato de caminhar por caminhar, há por traz dessa mobilidade um significado sagrado. Um peregrino sai de um ponto inicial e sabe exatamente aonde quer chegar, seja no campo físico, tendo como objetivo uma igreja ou um monte, por exemplo, seja no campo espiritual, cujo objetivo é se transformar e sair dessa jornada um homem novo e melhor. Isso porque a peregrinação não é somente um ato concreto e físico, ela representa uma jornada simbólica que faz mais do que levar o viajante até a um lugar físico, levando-o também para um lugar sagrado mais perto do divino. Sendo assim, o objetivo da peregrinação é chegar até Deus, e ao passo que o viajante vai peregrinando ele vai, através do sacro ofício, se purificando e entregando cada passo como uma oferenda, e assim, se aproximando cada vez mais do Criador, pois a caminhada é um ato de purificação do ego e de se colocar a serviço. Mas para que todo esse movimento aconteça, é necessário que outros cristãos estejam em ação conjunta, exercendo a virtude da hospitalidade em alguns pontos do caminho e na chegada, oferecendo a acolhida, o alimento e a proteção. Nesse sentido, esses cristãos que exercem esse labor se preocupam não só em oferecer a acolhida, mas também em fazer com que esse peregrino viva uma experiência sagrada. Um exemplo desse trabalho acontece no Santuário de Fátima em Portugal, e foi citado no texto de Eduardo Taborda de Jesus através da seguinte citação:

[...] procuramos certamente e cremos construir o acolhimento e a hospitalidade aos peregrinos de Nossa Senhora, ou seja: os peregrinos, vêm à casa de Nossa Senhora, que é o santuário, e o que nós potenciamos e cremos é que, ao chegarem sintam que estão a entrar na casa de Nossa Senhora, onde encontram um ambiente de paz. Onde encontram um ambiente de silêncio. Onde encontram colaboradores que lhes prestam respostas às suas inquietações, às suas necessidades, que sabem o encaminhar, que sabem responder-lhe as mais diversas questões, muitas vezes sobre a própria Mensagem de Fátima. Portanto, essa é a hospitalidade, esse é o trabalho que se tem que fazer, de acolhimento, de receber quem vem à casa de Nossa Senhora, como quem vai à casa do outro, uma outra pessoa amiga, uma pessoa de confiança, como quem vai à casa da mãe. (SARAIVA apud DE JESUS, 2017, p. 83)

Dessa forma, a hospitalidade durante a caminhada, oferecendo suporte ao peregrino para que ele consiga finalizar a sua missão, é um símbolo da fraternidade, já que a missão do outro também se torna importante para esse anfitrião do caminho. Entretanto, no capítulo seguinte será analisado um recorte da obra O Senhor dos Anéis que expressa o movimento contrário à hospitalidade do guia.

3 PERVERSÃO DOS SÍMBOLOS E RITUAIS DA HOSPITALIDADE: UMA ANÁLISE DA TRAIÇÃO DO GUIA

Para analisar as ações desse guia traiçoeiro, é necessário entender quem ele foi e quais foram as suas motivações por trás de suas ações. Gollum vivia em paz até o momento em que ele encontra um objeto de poder, o Um Anel de Sauron, O Senhor das Trevas, e passa a usá-lo cometendo inúmeras ações malfetoras em benefício próprio. Mas, aos poucos, ele foi se transformando e ficando cada vez mais animalizado, pois o poder do Um Anel foi o contaminado e deteriorando sua capacidade de pensar por si mesmo, fazendo com que perdesse o domínio de sua mente, respondendo aos comandos da força maligna do Um Anel. Após anos vivendo possuído pelo poder, Gollum o perde e passa a viver em busca de recuperá-lo a qualquer custo. E depois de andar por muitos lugares em sua procura, ao descobrir que Frodo está sob a posse de seu artefato precioso, ele passa a seguir os dois Hobbits, Sam e Frodo que estão caminhando juntos em direção a Montanha da Perdição para destruir o Um Anel. Quando percebem que estão sendo seguidos, prendem Gollum que jura não roubar o anel e promete servir a Frodo e nunca lhe fazer mal caso ele lhe solte. E a partir desse momento, ele passa a ser o guia que prometeu conduzir os Hobbits até Mordor. Mas isso é o que

Gollum simula, já que os leva até a toca de Laracna, uma grande aranha conhecida por devorar todos que entram em seu território.

Importante ressaltar que essa cena de condução dos Hobbits até a toca de Laracna, será analisada sob o olhar da *hostipitalidade* (DERRIDA, 2003), enfatizando o carácter hostil da relação. Jacques Derrida, filósofo da desconstrução, tenta desconstruir conceitos comuns, para mostrar como estão enraizados na sociedade, vendo que muitos significados estão escondidos atrás das palavras. Dessa forma, o filósofo desconstruiu o conceito de hospitalidade para além do bem acolher, mostrando que em toda relação de hospitalidade está subentendida uma relação de hostilidade, configurando-se, assim, uma *hostipitalidade*. Há diferentes graus de hostilidade em uma relação, mas ela vai sempre acontecer. O conflito pode ser declarado através de uma briga, por exemplo, ou apenas sentido internamente pelo anfitrião como um desconforto. Nesse sentido, para ilustrar o funcionamento de uma relação de *hostipitalidade*, Derrida faz uma analogia com dois movimentos que são usados tanto no ballet clássico, como também em uma luta, configurando uma dança entre o anfitrião e o hóspede. O primeiro passo dessa dança é o "pas de trop", que nomeia os atos transgressores e hostis de uma forma declarada e externalizada, pois todo incômodo que houver na relação será dito. O outro passo, o "pas dê côté", já diz sobre atos de digressão e hospitalidade, pois se houver algum mal estar na relação ele será relevado e introjetado. Dessa forma, entende-se que toda relação de acolhimento precisa desse grau de hostilidade, pois esse mal estar representa o fato de que o anfitrião está lidando com uma pessoa diferente dele, fazendo com que ele saia de sua zona de conforto para se relacionar com alguém que não é ele próprio. Está implícito uma alteridade, que a partir desse atrito gerado entre duas pessoas diferentes, nasce uma oportunidade de aprendizado. Nesse sentido, fica subentendido que em toda relação de *hostipitalidade* há uma transformação, pois nem o anfitrião e nem o hóspede continuarão os mesmos depois de se encontrarem.

Ademais, há dentre os níveis de *hostipitalidade* em uma relação, o pior e mais alto nível, que seria o ato de traição do hóspede, em que o anfitrião simula hospitalidade, mas age por trás com hostilidade. A palavra traição possui origem no termo em latim *traditio*, assim como a palavra tradição. A etimologia de tradição é passar algo a diante ou entregar algo, e a etimologia de traição é a entrega de algo contaminado que possa prejudicar quem recebe. Mas a ideia de traição considerada para esta análise será baseada em Marcel Mauss e sua tríade do dar, receber e retribuir, que mostra que toda relação pautada pela dádiva é considerada um presente para quem recebe, seja ele de natureza boa ou má. Sendo assim, se tratando de uma traição, há dois presentes a serem entregues, um de forma pública e que aparenta ser bom, e outro planejado de forma oculta causando má surpresa a quem recebe, e se configurando como um ato de traição a partir da quebra de fidelidade por omissão, como o Cavalo de Tróia³, por exemplo. E nesse sentido, assim como mostra a passagem bíblica em que Jesus se dirige a Judas, agir através de uma hostilidade declarada é considerada uma atitude mais moral do que fingir hospitalidade enquanto se está sendo hostil.

Se um inimigo me insultasse, eu poderia suportar; Se um adversário se levantasse contra mim, eu poderia defender-me; mas logo você, meu colega, meu companheiro, meu amigo chegado, você com quem eu partilhava agradável comunhão enquanto íamos com a multidão festiva para a casa de Deus! (SI 55, 12-14)

Judas não tinha uma hostilidade declarada já que era apóstolo de Jesus, mas agiu de forma dissimulada até o último instante da finalização de seu plano de traição, que foi quando beijou o rosto de Jesus em um ato de suposto cumprimento, mas que na verdade foi uma forma de identificar para os guardas romanos quem era o homem que ele teria vendido por 30 moedas. E assim como Judas agiu, fez também Gollum, pois não manifestou uma hostilidade declarada, simulando uma ação de ajuda ao passo que age pelas costas de seus hóspedes. Sendo assim, é possível perceber nessa atitude uma perversão da hospitalidade, já que os seus princípios mais importantes são o bem acolher, a proteção e a alimentação, mas também uma perversão do que de fato é considerado o serviço de um guia anfitrião do caminho, cujo conhecimento "está a serviço do turista, que tem necessidade não só de alguém para achar a travessia menos trabalhosa, mas também de um guia para permitir a descoberta." (MORGAN-PROUX, 2006, p.111)

³ O Cavalo de Troia representa uma estratégia desenvolvida pelos gregos durante a Guerra de Tróia, para que seus soldados entrassem na cidade inimiga de forma oculta. Eles fizeram isso através da construção de um grande cavalo oco de madeira que simulava um presente aos inimigos, como forma de reconhecer a suposta perda da guerra.

A partir disso, é importante ressaltar alguns aspectos do carácter de Gollum, que além de um guia hostil e traiçoeiro, também será entendido como o anfitrião do caminho, tendo Sam e Frodo como os seus hóspedes, que não sabem como chegar à Montanha da Perdição, desenvolvendo uma relação de confiança com o guia. Desse modo, a promessa feita por Gollum foi a de servir Frodo, conduzindo-o para o local que ele desejava ir. E em um determinado ponto da caminhada o guia os conduz a subir um enorme trecho de escadas, a Escadaria de Crith Ungol. A escadaria forma parte do processo da traição, já que não representa uma caminhada de redenção e purificação rumo ao destino de se livrarem de uma vez por todas do mal contido no Um Anel. Sendo assim, a subida pelas escadarias, configura-se como uma subida ao calvário, pois os Hobbits, mesmo sem ter conhecimento, estavam caminhando em direção à morte. Dessa forma, essa subida de sacrifício seria uma perversão da caminhada dos peregrinos, discutida no capítulo anterior e que serve à purificação ao longo do processo de aproximação do divino e sagrado.

Além disso, é importante esclarecer por que o anfitrião planejou levar seus hóspedes até a toca de Laracna. Gollum a conhecia bem e sabia que ela não se importava com o Um Anel e que não queria ficar sob a posse dele, já que só se importava em devorar qualquer ser que entrasse em seu espaço. Sendo assim, o plano do anfitrião era levar os Hobbits até o território da enorme e sempre faminta Laracna, para que ela comesse Frodo, e cuspsse o Anel fora, para Gollum roubar. Então, pode-se perceber que a aranha foi apenas um instrumento da traição do anfitrião para cumprir o seu objetivo, que nunca foi ajudar os hóspedes, mas sim roubar o Um Anel. Entretanto, seu plano não funciona, pois Laracna não devora Frodo imediatamente, ela o imobiliza, fazendo uma espécie de casulo para manter seu alimento guardado para devorar quando sentir fome, mas Sam entra em ação ferindo a aranha, antes que ela tivesse tempo de devorar Frodo. Portanto, o anfitrião, além de trair seus hóspedes, realiza outra perversão. Ao invés de alimentar e proteger os acolhidos, ele os entrega para o perigo e os faz de alimento para o instrumento de traição.

Dessa forma, a partir dos fatos analisados, Gollum se apresenta como um guia e anfitrião do caminho que trai os seus hóspedes enquanto simula estar os ajudando. Ele é um traidor paciente, perverso e meticuloso, pois elabora um plano completo de traição. Nesse sentido, para ilustrar o quão abominável é o ato de traição do hóspede, Dante Alighiere o cita em sua obra "A Divina Comédia" no nono círculo, a Ptolomeia, que é o círculo mais próximo do diabo. Esse círculo está configurado sobre o rio Cócito, que segundo a mitologia grega, é o das lamentações, compondo um dos rios de Hades, o guardião do submundo. Nesse sentido, o autor cita as quatro esferas que compõem o círculo da traição, sendo elas:

Dante e Virgílio estão no fundo do fosso: o nono e último círculo do inferno, onde são punidos os traidores, distribuídos em quatro giros: Caína, Antenora, Ptolomeia e Judeca; encontraremos, no primeiro giro, os traidores de parentes, e no segundo os traidores da pátria, todos imersos no gelo Cocito, só com a cabeça para fora;

[...]

Prosseguindo, os poetas chegam ao terceiro giro do nono círculo, a Ptolomeia, onde os traidores de seus hóspedes estão imersos no gelo como os outros, mas com os rostos voltados para cima, o que faz com que suas lágrimas congelem, impedindo-lhe a sequência do pranto. (MAURO apud ALIGHIERE, 2019, p.211 e 217)

A partir disso, pode-se alisar a punição dos traidores dos hóspedes, que revela muitos símbolos da hospitalidade, pois chorar até ter suas lágrimas congeladas de modo que tampem a sua visão, é a total ausência de hospitalidade. O gelo contrapõe o calor atrelado ao acolhimento, e os olhos fechados dizem respeito ao ato de se fechar para a relação com o outro e com o mundo⁴. Além disso, é importante ressaltar que essa punição acontece em vida, pois o anfitrião traidor tem o seu corpo possuído pela alma de um demônio que lhe substituiu a sua própria. Portanto, há a perversão da principal ideia da simbologia cristã da hospitalidade que diz que quem trai o hóspede está traindo o próprio Deus: "Deus é hóspede junto com o seu povo. Quem hospeda o estrangeiro, tendo como horizonte a memória cultural antiga, está hospedando o próprio Deus." (LASCH, 2017, p. 13)

⁴ Informação fornecida por Humberto Fois Braga. Aula Hostilidades e Hostipitalidade. Disciplina Dimensões da Hospitalidade. 2023.

Interessante notar, também, que o nome conferido a quarta esfera do círculo da traição, a esfera Judeca, faz referência ao maior exemplo de traição de um benfeitor, a traição de Judas a seu mestre Jesus, configurando-se como o pior tipo de traição e fazendo com que os traidores dos hóspedes percam somente para os traidores dos mestres e reis.

Em última análise a respeito de Gollum, o guia traiçoeiro, pode-se perceber que apesar de ter cometido a traição os levando até a morte, ele cumpre a promessa que fez a Frodo de nunca o fazer mal e nunca o matar. Gollum age a fim de cumprir a promessa, mas faz isso através de uma ética enviesada, já que usa a Laracna como instrumento para não sujar a suas mãos. Ou seja, ele não o mata como foi prometido, mas manda que terceiros matem. Dessa forma, há uma preocupação por parte de Gollum para que a sua palavra seja cumprida.

— Não, minha doçura. Veja bem, meu precioso: se nós o tivermos, então Poderemos escapar até mesmo d'Ele, hein?

[...]

— Nós quer ele! Mas — e aqui houve uma longa pausa, como se um novo pensamento tivesse acordado. — Não, ainda não, é?

Ela pode ajudar. Ela pode, sim.

(TOLKIEN, 2001, p. 243-244, grifo do autor).

Entretanto, visto que Gollum originalmente era Smeagol, um Hobbit que encontrou o Um Anel e foi possuído até que perdesse sua identidade interna e física, pode-se inferir que essa preocupação em não descumprir a promessa feita a Frodo, vem do pouco que restou de Smeagol e não do seu eu possuído pelo mal, denominado Gollum. Então essa preocupação pode ser traduzida como uma ética enviesada, pelo fato de que há duas mentes pensantes dentro de um mesmo corpo, uma extremamente má e inteligente, comandada pelas vozes do Um Anel, que se preocupa em levar Frodo para morte. E a outra mente corresponde ao Smeagol, sua identidade original antes de ser possuído pelo mal. Dessa forma, a promessa de não fazer mal é feita por Smeagol, já que Gollum tenta persuadi-lo a matar Frodo, sem sucesso. Assim, Gollum sugere a ideia de usar a Laracna como estratégia e ferramenta, já que Smeagol estava relutante em quebrar a promessa.

— Sméagol prometeu — disse o primeiro pensamento.

— Sim, sim, meu precioso — veio a resposta. — Nós prometemos: salvar nosso precioso, não deixar que Ele o tenha — nunca. Mas está indo para Ele, sim, mais próximo a cada passo, O que o hobbit vai fazer com Ele? Nós fica pensando, sim, nós fica.

— Não sei, Não posso fazer nada. O mestre está com Ele. Sméagol prometeu ajudar o mestre.

[...]

— Mas Sméagol disse que seria muito, muito bom. Hobbit bonzinho! Tirou a corda cruel da perna de Sméagol. Ele fala comigo com gentileza. (TOLKIEN, 2001, p. 243)

Dessa forma, a partir da citação, é importante ressaltar também, que o que levou Gollum a não fazer mal a Frodo, diretamente, foi a forma gentil e fraterna com que foi tratado em alguns momentos. Então, em algum nível, essa atitude de Frodo o livrou de um mal, mesmo que não totalmente. Mas, no capítulo seguinte será exposto, de forma clara, como o bem pode ser uma ferramenta para se salvar do mal.

4 A AMIZADE COMO FORMA DE SE SALVAR DO MAL: A RELAÇÃO ENTRE FRODO E SAM

Aristóteles, em sua obra “Ética a Nicômaco”, ao investigar a palavra grega *philia* cujo significado é amizade, amplia de forma significativa as possibilidades e ideias acerca do tema. Para o filósofo, a amizade vai muito além do significado comum que se atribui à palavra no dicionário, que é descrita como um “sentimento de grande afeição, simpatia, apreço entre pessoas ou entidades” (OXFORD,2018). Usando o termo grego *philia*, Aristóteles mostra que toda a complexidade de significados está no campo do agir, sendo mais importante investigar a natureza da ação, do que quem a realiza. E essa ação deve ser essencialmente ética, objetivando a lealdade e o bem do outro, ou seja, ações nobres em virtudes. Então, se a natureza da ação é

o cerne da ideia de amizade, as partes dessa relação não envolvem, necessariamente, amigos, mas também parentes, companheiros de trabalho ou membros de uma mesma sociedade, ou seja, há *philia* e há amizade em todo laço gerado em uma relação pautada em virtudes, e isso gera a ideia de fraternidade. Quando a amizade visa agir de forma ética em prol do outro e pensando no bem comum, tem-se a amizade dando espaço à fraternidade, que seria uma ideia da caridade cristã de *philia*.

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente. (ARISTÓTELES, 1987, p. 141-142).

Dessa forma, essa boa conduta teria a finalidade de se alcançar a *eudaimonia*, que para Aristóteles é o estado de felicidade plena, que surge através de uma vida pautada pelo sentido de *arete*, ou seja, ter uma postura nobre, moral e virtuosa diante das circunstâncias. E essa felicidade estaria mais ligada a um estado de espírito, do que a um prazer momentâneo de carácter mais biológico e emocional. Dito isso, é indubitável que, durante a saga de Sam e Frodo em direção a Montanha da Perdição, há inúmeros exemplos de *arete*, inúmeros exemplos de ações altruístas e generosas, que vão pouco a pouco construindo esse laço de amizade entre os personagens. E logo no início dessa jornada dupla rumo à missão de destruir o anel, já há marcas da cumplicidade entre Sam e Frodo:

– Ó, Sr. Frodo, isso é duro! – disse Sam tremendo. – Isso é duro, tentar ir embora sem mim e tudo mais. Se eu não tivesse adivinhado certo, onde o senhor estaria agora?
– A caminho e a salvo.
– A salvo! – disse Sam. – Completamente sozinho sem mim para ajudá-lo? Eu não aguentaria, seria a morte para mim.
– Seria a morte para você ir comigo, Sam – disse Frodo. – E eu não aguentaria isso.
– Não seria uma morte tão certa quanto a de ser deixado para trás – disse Sam.
– Mas estou indo para Mordor.
– Sei muito bem disso, Sr. Frodo. Claro que o senhor vai. E eu vou também.
(...)
– Não adianta tentar escapar de você, mas estou feliz, Sam. Não consigo dizer como estou feliz. Venha! É óbvio que nós devíamos ir juntos. Vamos, e que os outros encontrem uma estrada segura! (TOLKIEN, 2001, p. 433).

E a partir desse momento, Sam se torna o fiel escudeiro de Frodo e toma para si a missão de protegê-lo. E essa decisão vem de uma vontade interna e também de uma promessa que ele faz a Gandalf⁵ praticando o que Kant (2013) denomina em sua obra como uma *ação por dever*, pautada pela verdadeira vontade, que o leva a escolher fazer o que deve e o que é o bem. Dessa forma, Sam não admite de forma alguma que o detentor do anel vá sozinho nessa jornada, pois se o dever de Frodo é destruir o anel, o dever de Sam é proteger e servir a Frodo no que ele precisar para que consiga cumprir sua missão, já que ambos compartilham do mesmo ideal que é combater o mal, algo que fica fisicamente expresso no final, quando Sam carrega Frodo que carrega o Anel. E durante o percurso os Hobbits passaram por grandes provas, desde subir as enormes escadarias, já exaustos e fracos, até o ataque de Laracna que é onde Sam irá encontrar uma das suas maiores prova.

— Mestre, querido mestre — disse ele, mas Frodo não dizia nada.

⁵ Gandalf, um mago cujo objetivo é destruir Sauron, foi quem orientou os primeiros passos de Frodo nessa jornada, e quem nomeou Sam como escudeiro de Frodo.

Assim que ele saíra correndo, ávido, alegre por se ver livre, Laracna se aproximara por trás, com uma velocidade espantosa, e com um golpe certo lhe ferroara o pescoço. Agora ele jazia pálido, imóvel e sem nada ouvir.

— Mestre, querido mestre! — disse Sam, e esperou durante um longo silêncio, escutando em vão.

Então, o mais rápido possível, cortou as cordas que o prendiam e pousou a cabeça sobre o peito de Frodo e aproximou-a de sua boca, mas não percebeu qualquer sopro de vida, nem sentiu a mais leve palpitação em seu coração. Várias vezes esfregou as mãos do mestre, e tocou sua testa, mas seu corpo estava todo frio.

— Frodo, Sr. Frodo! — chamou ele. — Não me deixe aqui sozinho! É o seu Sam que está chamando. Não vá para onde eu não possa segui-lo! Acorde, Sr. Frodo! Oh, acorde, Frodo, meu querido, meu querido. Acorde! (TOLKIEN, 2001, 351-352. Grifos da autora)

Em todo o momento da jornada rumo à Montanha da Perdição, os Hobbits estiveram unidos e foram construindo e fortalecendo o laço de amizade através da superação, da devoção e da lealdade. Entretanto, é importante analisar a cena da Laracna, pois é o momento em que essa amizade é interrompida, já que Sam passa por sua maior prova ao achar que havia perdido seu amigo. Essa perda se configura como o fato mais traumático dessa amizade, em que ocorre a ausência do amigo, ou seja, uma das partes dessa relação se ausenta anulando seu caráter igualitário, pois não há mais correspondência. Sam, que há pouco tempo tinha o seu mestre caminhando ao seu lado, passa a viver a amizade sob a face do luto.

Então um desespero negro se abateu sobre ele, e Sam se curvou até o chão, cobrindo a cabeça com o capuz cinzento; a noite se apoderou de seu coração, e ele perdeu os sentidos. Quando finalmente a escuridão passou, Sam ergueu os olhos e viu que as sombras o envolviam, mas por quantos minutos ou horas o mundo continuara se arrastando ele não sabia dizer. Estava ainda no mesmo lugar, e ainda seu mestre jazia morto ao seu lado. As montanhas não tinham esborado, e nem a terra caído em ruína. [...]

— Mas o que posso fazer? De forma alguma deixar o Sr. Frodo morto, insepulto no topo das montanhas e ir para casa. Ou será que devo prosseguir? Prosseguir? — repetiu ele, e por um momento a dúvida e o medo o agitaram. — Prosseguir? É isso que devo fazer? E deixá-lo? (TOLKIEN, p. 2001, 352)

Para entender a complexidade da experiência vivida por Sam, é importante citar as quatro fases do luto, definidas por John Bowlby (1990) e citadas por Lissia Ana Basso e Ricardo Wainer (2011), como sendo: o entorpecimento, o anseio, o desespero e a reorganização. Sam passa por todas essas etapas em um curto espaço de tempo, devido às circunstâncias, o que deixa essa perda ainda mais dolorosa. Na etapa do entorpecimento, Sam chama pelo nome de Frodo e não tem nenhum retorno, o que o leva a ficar estático e em silêncio por algum tempo. Logo em seguida o anseio de ter o seu mestre de volta faz com que Sam procure algum sinal de vida, que lhe traga alguma esperança. Mas quando realmente identifica os sinais de morte, a fase do desespero se inicia, fazendo com que os sentimentos de tristeza e impotência alcancem o seu coração que se sente abandonado e sozinho. Mas como não há tempo, pois estão em meio a uma missão urgente, extremamente importante e perigosa, Sam passa por cima de todo o sofrimento, dando início a fase da reorganização, começando a pensar o que fazer e como prosseguir na jornada. Importante ressaltar que tudo isso foi vivido enquanto Frodo ainda estava no chão envolvido pela teia da Laracna, ou seja, Sam não teve a oportunidade de velar, enterrar ou fazer uma cerimônia de despedida para seu amigo, tendo que deixá-lo sozinho, mesmo contra a sua vontade. Entretanto, a única forma que Sam encontrou de honrar a memória de seu mestre, foi dando sequência a sua missão. Nesse sentido, sua motivação inicial de fazer pelo bem da humanidade, dá lugar à motivação de dar sequência ao trabalho que seu mestre começou e não pôde terminar, fazendo com que toda a caminhada e legado de Frodo não fosse em vão.

Após passar pelo luto, quando Sam descobre que Frodo não está morto (na verdade, ele estava em um estado de paralisia devido ao veneno da aranha), é como se ele tivesse renascido para Sam, trazendo para análise a ideia da ressurreição, cujo significado é voltar à vida. E, de fato, para Sam, Frodo volta a viver, já que em seu imaginário ele estava morto e sofreu por isso. Sam descobre ao ouvir alguns Orcs conversando sobre a forma com que Laracna age com suas presas. Mas apesar de ter ficado feliz em saber que seu mestre está vivo, ele ainda continua sofrendo, pois os Orcs pegaram Frodo e Sam não consegue resgatá-lo imediatamente.

— Seu tolo — rosnou Shagrat. — [...] Isso é tudo o que você sabe sobre a Nobre Senhora? Quando ela prende com cordas, está atrás de carne. Ela não come carne morta, nem chupa sangue frio. Esse sujeito não está morto!

Sam teve uma tontura e se agarrou na pedra. Sentiu-se como se todo o mundo escuro estivesse de cabeça para baixo. O choque foi tão grande que ele quase desmaiou mas, mesmo fazendo força para manter os sentidos, em suas entranhas ouviu o comentário: “Seu tolo, ele não está morto, e seu coração sabia disso.” (TOLKIEN, 2009, p. 239)

Por fim, quando Sam finalmente encontra Frodo, cena descrita no livro “O Retorno do Rei”, eles seguem para Orodruin, a última etapa da viagem rumo à destruição do Um Anel. E nesse ponto da jornada, Sam percebe que Frodo está muito cansado devido há tanto tempo carregando o peso do Um Anel, e assim, se oferece para levar o objeto por alguns instantes, mas Frodo nega e insiste em continuar exercendo o seu dever. E é nesse momento que Sam demonstra que o seu dever é, de fato, facilitar a jornada de seu amigo, pois mesmo não podendo carregar o anel, ele carrega Frodo.

— Agora vamos! Agora, para o último arranque! — disse Sam, esforçando-se para se levantar. Inclinou-se sobre Frodo, despertando-o com delicadeza. Frodo resmungou, mas com um grande esforço de vontade levantou-se vacilante; em seguida caiu sobre os joelhos outra vez. Ergueu os olhos com dificuldade até as escuras encostas da Montanha da Perdição que assomava acima dele, e então penosamente começou a avançar arrastando-se com pés e mãos.

Sam olhou para ele e chorou em seu íntimo, mas nenhuma lágrima chegou-lhe aos olhos secos e ardidos.

— Eu disse que o carregaria, mesmo que arrebentasse as costas — murmurou ele —, e é isso que vou fazer!

— Venha, Sr. Frodo! — gritou ele. — Não posso carregar a coisa em seu lugar, mas posso carregá-lo junto com ela. Então vamos subir! Venha, Sr. Frodo, meu querido! (TOLKIEN, 2009)

Portanto, a partir desse trecho, pode-se perceber que, Sam é, de fato, um herói dessa jornada junto com Frodo. O ato de querer aliviar a dor de seu amigo mostra a nobreza e bondade de seu coração, além disso, aponta o compromisso que ele tem com o ideal coletivo de destruir o anel. Principalmente pelo fato de ser a missão de seu amigo, pois para Sam, mais importante do que destruir o Anel pelo bem da humanidade, é ajudar Frodo a cumprir a sua missão. E a essa atitude, Aristóteles chamaria de *arete*.

5 CONCLUSÃO

Visto que na obra O Senhor dos Anéis é notório a expressão da dualidade entre o bem e mal, encarnada em seus personagens, cada qual contendo uma face dessa moeda, a motivação para a conquista do Um Anel estaria dividida entre a destruição do poder e a conquista do poder, ou seja, há quem o use visando a fraternidade, mas há quem vise apenas os próprios interesses. Dessa forma, a partir da desconstrução do antropólogo Derrida, vê-se surgir, também, na hospitalidade, esse caráter dual que é formado pela própria hospitalidade mas conferindo a ela uma contraparte hostil, denominando-se *hostipitalidade*, (DERRIDA, 2003). Dito isso, a relação entre o anfitrião e o hóspede pode variar diante a dança da

hospitalidade e hostilidade, tendo como condutor dessa dança o anfitrião, que representa o polo ativo por estar em seu território. Detendo o poder de anfitrião, ele pode se valer da hospitalidade, exercendo o bem acolher do hóspede, para gerar laços de fraternidade e como uma ação de virtude e dever a fim de conquistar a salvação divina, como prevê a visão cristã sobre a hospitalidade. Entretanto, o anfitrião pode se valer mais do carácter hostil dessa relação, gerando conflitos e partindo para a ação mais hostil que pode haver entre o anfitrião e o hóspede, a traição.

Imergindo bem a fundo na face hostil da hospitalidade, encontra-se a traição como uma contraparte da ideia do que se espera da hospitalidade, que é a acolhida e a proteção realizada por parte do anfitrião. Se o anfitrião é aquele que acolhe e protege o seu hóspede, um anfitrião hostil e traíçoeiro é aquele que aparenta publicamente cumprir com a acolhida e a proteção, mas que de forma oculta planeja uma traição, ou seja, uma hostilidade. E foi exatamente essa a atitude de Gollum, ele aparentou estar ajudando os Hobbits enquanto, simultaneamente, colocava o seu plano de traição em prática. Dessa forma, é notório que o carácter de quem pratica a ação diz muito sobre a ação em si, pois um anfitrião que busca o Um Anel, motivado pelos seus próprios interesses, será um anfitrião hostil capaz de cometer a pior das hostilidades.

Mas, como para toda debilidade há uma virtude, fez-se necessário investigar, também, a amizade entre Frodo e Sam que é a expressão pura da fidelidade, que se opõe à traição. E diferente das atitudes de Gollum, que careciam de moral e visavam apenas o benefício próprio, é notória, nas atitudes de Sam para com Frodo, a presença de *areté*, dessa busca pela excelência através de uma conduta nobre perante a vida e a ausência de egoísmo. E é assim que Sam age, com excelência, pois a sua missão era dar todo o suporte que seu amigo necessitasse para conseguir cumprir seu objetivo de destruir o Um Anel, que foi cumprido. E assim como para Khalil Gibran (2013, p.95), “o amigo é a resposta às suas necessidades”, Sam foi para Frodo o herói, o guardião, o companheiro, enfim, tudo o que fosse preciso.

Portanto, é notória a presença das matizes entre a hospitalidade e a hostipitalidade a partir da constante dualidade, também presente na obra *O Senhor dos Anéis*, que se expressa pela recorrente guerra interna e externa causada pelo Um Anel, que insiste em se fazer presente na jornada de vários personagens, que precisam, muitas das vezes, lutar para não perder sua identidade interna caindo na tentação pelo poder. Além disso, curioso notar que alguns personagens já se apresentam mais puros e desinteressados pelo poder do que outros, visto que não possuem desejo pelo Um Anel, como Gandalf que não aceita nem a ideia de tocá-lo, e que mesmo quando precisam usá-lo, não se abalam tanto moralmente, como é o caso de Frodo que percorre a jornada inteira sob posse no Um Anel e não se corrompe. Dessa forma, o carácter moral presente na obra, deixa como reflexão a ideia de que se você conhece os seus princípios e sabe o que veio fazer no mundo, ou seja, sua vocação, nada é capaz de te corromper ou alterar o seu caminho, e Frodo e Sam são os exemplos que Tolkien deixa registrado na história da ficção, como inspiração para os homens da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia – Inferno**. São Paulo: Editora 34, 2019

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

BASSO, Lissia Ana e WAINER, Ricardo. **Rev. bras. ter. cogn. [online]**. 2011, vol.7, n.1, pp. 35-43. Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. ISSN 1808-5687.

BENVENISTE, E. (1975). **O vocabulário das instituições indo-europeias**. Economia, parentesco, sociedade. Campinas: UNICAMP.

CASAGRANDE, Cristina. **A Amizade em O Senhor dos Anéis**. São Paulo: Martin Claret, 2019.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. Tradução Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

De Jesus, Eduardo Taborda. **O Turismo e a busca de sentido: a hospitalidade nos bastidores das peregrinações católicas**. Caxia do Sul, 2019

GIBRAN, Khalil. **O Profeta** - São Paulo: Martin Claret, 2013.

LASCH, Rudinei. **A igreja como casa da hospitalidade cristã: A experiência do acolhimento desde uma abordagem teológica**. Porto Alegre, 2017.

MAUSS, Marcel. **Ensaio Sobre a Dádiva**. Lisboa edições, 70, 2008.

MORGAN-PROUX, Catherine. **A hospitalidade dos guias-intérpretes e o desenvolvimento turístico duradouro**. Revista Hospitalidade, São Paulo, ano III, n. 2, p. 105-116, 2. sem. 2006.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis** – A Sociedade do Anel. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis** – As Duas Torres. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis** – O Retorno do Rei. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Dicionário oxford escolar para estudantes brasileiros de inglês. 3 Oxford University Press, 2018, 773 p.

In: BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

Hospitalidade: Cenários e Oportunidades / Ada de Freitas Maneti Dencker, Maryelis Siqueira Bueno (organizadoras). São Paulo:Pioneira Thomson Learning , 2003.